



Director literario:

Antonio de Almeida
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Juarez Valls
PAPUSSE

Barraca de Sandoches



O Pim e Pam, sempre amigos,
De manhãzinha, bem cedo,
Resolvem tornar aos figos
De Figueiral Figueiredo.



Mas Pum, de raça atrevida,
Naquela mesma manhã,
Meditou grossa partida
A seus irmãos Pim e Pam.



Com o alicate na mão,
Da casinha de um rafeiro,
Pum a fingir que é o cão,
Prende o Pim pelo traçeiro.



Nisto o verdadeiro cão,
Dono daquele «chalet»,
Achando em casa um ladrão,
Murmura baixinho: — Olé!



E resolve ensinar Pum,
Ao sopapo e à dentada,
Que a casa de cada um,
Sempre foi coisa sagrada



E, como recordação,
ÃO, ão, ão, ão, ão, ão, ão...
Um pedaço de calção,
Fica na boca do cão.

HISTORIA DE NALA E DAMAYANTI CONTO INDIANO

ADAPTAÇÃO DE
MARIO ALVES
PEREIRA

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

NALA beijou longamente Damayanti e santamente abraçados abandonaram o palácio. Atravessaram as ruas da cidade. E quem os via lamentava-os mas não lhes dava asilo. Chegaram ao campo; tomaram por uma estrada ao acaso e, como a noite chegasse, deitaram-se no chão e adormeceram.

*

No dia seguinte Nala foi o primeiro a acordar. Damayanti dormia e sorria...

Quando acordou, Nala chorava. «Porque choras? perguntou. Não vês que eu estou ao pé de ti e não estou triste?...»

«O' meu amor, respondeu Nala, perdido o reino, recusaram-me hospitalidade e, sem dúvida, em breve, ambos teremos fome. Escuta: o caminho que nos trouxe aqui é o mesmo que conduz ao reino dos Vidarbhas... Segue-o, Damayanti e sê feliz...»

«Não! tu não vês como eu tremo só de pensar que alguém nos possa separar? Nunca te abandonarei no caminho da miséria e da dor. Sou eu quem te pode consolar nas horas de fadiga».

«Tens razão, para os desgraçados não ha amigo nem médico que valha uma mulher. Ah! não creias que desprezo o teu amor... Mas vai, vai para o país dos Vidarbhas... Bem vês que não te posso acompanhar, que não devo aparecer miserável e pobre onde outrora fui buscar a felicidade».

«Não! Deixar então de me indicar este caminho já que não queres que meu pai reparta contigo o reino que possui. Continuemos a nossa viagem para o desconhecido e caminhemos juntos».

Assim foram, ao acaso, por campos e florestas. Tiveram fome e sede; e dormiram no chão. Nala, às vezes, chorava; Damayanti sorria...

*

Uma tarde entraram num bosque. Damayanti, cansada, deixou-se cair ao pé duma árvore e adormeceu.

Nala, inquieto, apesar da fadiga, não podia dormir e pensava:

«Para que errar assim pelas florestas, sem destino? o

meu dever é afastar de ti, oh! minha amada, o peso das misérias. Se é por mim unicamente que tu sofres, não é justo que pela tua dedicação, colhas tormentos e desgraças. Sósinha, chegarás de certo ao reino de teu pai. O meu dever, oh! pura Damayanti, o meu dever é deixarte...»

E levantou-se para se ir embora...

Três vezes tentou fugir, três vezes voltou atrás: «Que os Deuses te protejam! a tua virtude será a tua companhia; adeus oh! Damayanti!».

E entre lágrimas e soluços entrou na sombra densa do bosque e desapareceu.

*

Quando na manhã seguinte Damayanti acordou ficou surpreendida de não ver Nala a seu lado. Cuidando que, a brincar, se tivesse escondido, sorriu e esperou... Nas Nala não aparecia. Então, quasi inquieta, disse: «Para que te escondes, Nala? Bem te vejo daqui... porque não vens para meu lado? Ouve, Nala: eu vou chamar-te e, quando te chamar, vais responder-me, escuta.

E erguendo a voz disse: «Nala! E repetiu: — Nala! Nala!...»

E a sua voz era cada vez mais forte e suplicante. Ninguém respondia... Uma desconfiança rápida atravessou-lhe o espirito e desvairada levantou-se e correu pela floresta.

«Não vês como estou inquieta, tu não vês?

Porque me não respondes? Vê que estou a chorar por ti, oh? meu amado... Repara que cheio de fome e de fadiga, não terás contigo um coração amigo que te valha...»

E corria ao acaso, os pés em sangue, quasi sem forças já para gritar.

Por fim o cansaço entorpecceu-lhe o corpo e caiu; arrastando-se pelo chão, chamava ainda, num murmúrio, aquele que a deixara e não sabia vir em seu auxílio e não a protegia na solidão perigosa da floresta.

*

Começou então para Damayanti um longo caminho de tortura, noite e dia.

Sósinha, atravessando montanhas e planícies.

Já não duvidam que o seu tormento era o castigo de haver desprezado os deuses.

(Continua no próximo número.)



Concursos do PIM-PAM-PUM!

ATENÇÃO

O Pim-Pam-Pum! tem o prazer de participar aos seus pequeninos e grandes leitores que desta data em diante até ao próximo dia 1 de Março do corrente ano, se encontram abertos

Três grandes concursos
segundo a seguinte ordem

- 1.º concurso: — Uma poesia infantil
- 2.º » — Um conto infantil
- 3.º » — Um desenho infantil

Cada concurso destes será classificado por séries A, B e C, relativamente à idade dos concorrentes e por consequência

Os concorrentes de idade inferior a 14 anos enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série A que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 14 anos até 18 enviarão os seus trabalhos com a designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série B que abrange este limite de idade.

Os concorrentes de idade superior a 18 anos — (qualquer que ela seja) — enviarão os seus trabalhos com a indicação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e em letra bem legível a série C sobre que ficam designados.

Cada produção deverá ser enviada à redacção do *Pim-Pam-Pum*, rua do Século, 43 — acompanhada de um envelope lacrado, mencionando exteriormente o título da produção, designação do concurso 1.º, 2.º ou 3.º e série A, B ou C conforme o disposto nas condições mencionadas e contendo interiormente o nome, morada e idade dos concorrentes.

A classificação dos trabalhos enviados será feita por um júri competente, constituído por 5 individualidades das mais consagradas cujos nomes publicaremos nas vésperas do encerramento dos

Três grandes concursos

— do —

PIM-PAM-PUM!

PREMIOS NO VALOR TOTAL
DE 600\$00 ESCUDOS

LISTA DOS PRÉMIOS

- Ao 1.º classificado no 1.º concurso — Série A: Brinquedos no valor de 50\$00.
- » 1.º » 1.º concurso — Série B: Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados no valor de 50\$00.
- » 1.º classificado no 1.º concurso — Série C: 100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » 2.º » — Série A: Brinquedos no valor de 50\$00.
- » 1.º » 2.º concurso — Série B: Livros de poesia e prosa, ricamente ilustrados no valor de 50\$00.
- » 1.º classificado no 2.º concurso — Série C: 100\$00 em dinheiro.
- Ao 1.º » 3.º » — Série A: Brinquedos no valor de 50\$00.
- » 1.º » 3.º concurso — Série B: Livros de poesia, música e prosa, ricamente ilustrados no valor de 50\$00.
- » 1.º classificado no 3.º concurso — Série C: 100\$00 em dinheiro.

ATENÇÃO

O PIM-PAM-PUM! publicará sucessivamente no lugar de honra todas as produções que obtiverem os 1.ª prêmios acompanhadas dos retratos dos seus autores ou autoras e bem assim todas as restantes produções que o PIM-PAM-PUM! entenda merecerem publicidade.

UM PROFESSOR FURIOSO

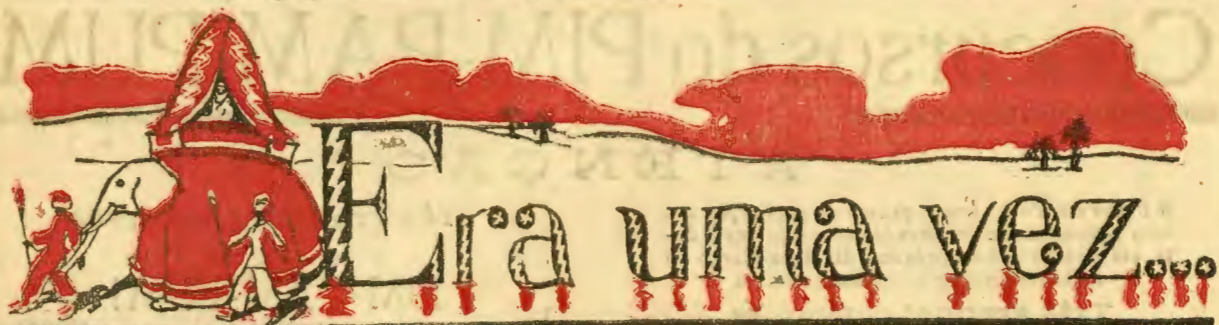


Professor (para os discípulos): — Se julgam que podem nas minhas costas, rir diante do meu nariz, olhem que estão muito enganados.

Isaura Cavalheiro Cruz

Os directores do «Pim-Pam-Pum!» acabam de receber a dolorosa notícia da morte de uma grande artista, a senhora D. Isaura Cavalheiro Cruz, autôra do lindo conto: «Mar, Maria e Mariana» e dos desenhos admiráveis que o acompanhavam, publicados no nosso numero 2.

Porque tinha uma formosa alma de menina e era muito amiga de todos os meninos, pedimos aos nossos pequeninos leitores religiosos que se não esqueçam de rezar um Padre-Nosso e uma Avé-Maria por sua intenção.



A FELICIDADE QUE PESA...

ERA uma vez um bom velhinho que, sentindo-se às portas da morte — (portas que se não vêem mas que existem) — mandou chamar os seus três filhos, que muito estremecia, Bento Benito e Benedito, e disse-lhes assim:

Meus queridos filhos, sinto-me às portas da Morte; sinto que daqui a minutos elas se abrirão para mim, se fecharão sobre mim e jamais, para mim, se tornarão a abrir.

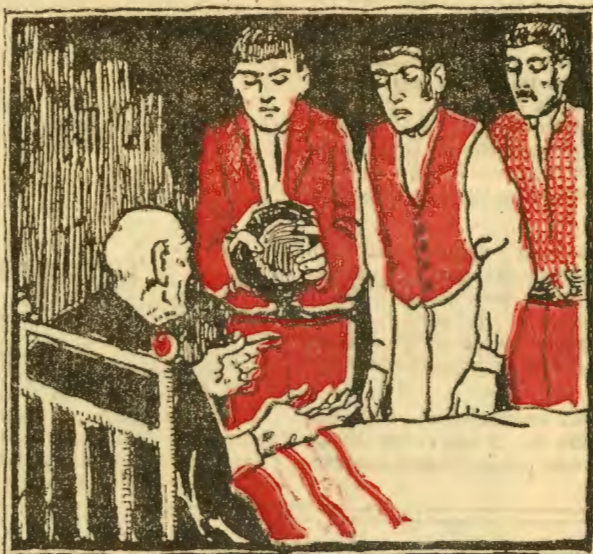
Todo aquele que por elas passar não mais tornará, pois são tão peizadas que não ha força de homem por mais possante que as possa abrir ou fechar. Só a força de um menino pequeno, consegue abri-las, por ter ficado sempre Menino toda a vida, o Menino mais Menino do Mundo, o Menino Jesus.

A êle terei de prestar contas de tudo quanto fiz cá neste mundo. Pobre nasci, remediado mórro. Se morresse rico eu teria traído a minha remediada natureza e roubado portanto a natureza alheia. Se pobre morresse é que não teria cultivado a propria natureza e pecaria portanto, como se houvera enriquecido. Levo, pois, a consciência tranqüila.

A cada um de vós lego um quinhão dos bens que a Natureza me concedeu: — Três vivendas. Três vivendas

iguais. Cada qual com sua casa, seu quintal e seu pço. Fechai-vos nelas e encerrai lá a vossa felicidade. Mas tomai conta... Não ambicioneis mais do que mereça a vossa natureza; e adeus... sêde felizes!

Então, beijando, um por um, Bento, Benito e Benedito, o bom velhinho sentiu abrirem-se as tais portas muito peizadas e... ninguém mais o viu.



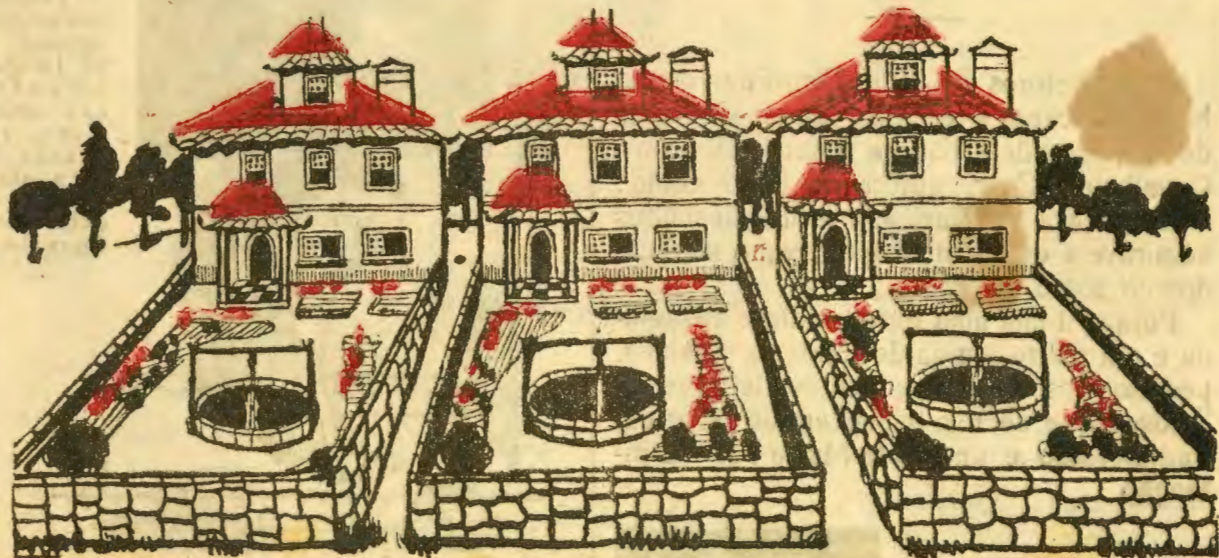
Choraram os três irmãos a morte de seu pai, vestiram-se de luto e foram-se instalar nas casinhas herdadas.

Bento e Benito casaram com duas irmãs gémeas Maria e Marieta e Benedito casou com uma prima delas chamada Mariana.

Maria, Marieta e Mariana, Bento, Benito e Benedito viviam agora, todos contentes, nas suas casinhas muito caiadas, muito branquinhas, todas com seu canário, cheinhas de sol e de alegria, prateleirinhas com fruta, arcas com roupa, dispensas com víveres, pço com água, curral com porgalos, galinhas, patos, pombo e perús.

Bento e Mariá tiveram uma filhinha chamada Graça.

Benito e Marieta tiveram uma filhinha chamada Gracinda. Benedito e Mariana tiveram uma filhinha chamada



Graciana. Juntavam-se às tardes no quintal, ora de um ora de outro, Graça, Gracinda. Graciana. Bento, Benito, Benedito, Maria, Marieta e Mariana.

Tão certo andava Benedito de que uma mina de ouro existia oculta naquêlê vale, por onde passava todas as

Bento sentia-se completamente feliz e, como tinha muito juízo, trabalhava alegremente para conservar aquela felicidade.

Benito sentia-se tão feliz que se ficava horas esquecidas a olhar os bens que herdára de seu pai e, como era muito mandrião, não trabalhava para conservar a sua felicidade.

Benedito sentia-se igualmente feliz, mas, como era muito ambicioso, andava sempre a sonhar com grandes riquezas, sem pensar que não é na riqueza excessiva que existe a felicidade.

Passado tempo, Benito para acudir às despesas da casa, viu-se na necessidade de vender primeiro os porquinhos, depois a criação, a seguir a roupinha da arca, depois a própria arca, o canário, a gaiola, as prateleiras e a fruta. E como tudo isto não bastasse para o seu sustento, da mulher e da filha, viu-se, finalmente, forçado a vender a própria casa, o quintal e o pço.

Então, ao vê-lo tão pobresinho, Bento que era trabalhador e tinha bons sentimentos, recolheu-os em casa, a ele, à mulher e à filha.

Benedito que também era activo, mas muito ambicioso, todos os dias, à volta da trabalho, metia por um vale, muito comprido, onde uns pontinhos luminosos em certas pedrinhas brancas, lhe haviam chamado a atenção, acabando por se convencer que naquêlê local existia uma mina de ouro.

E assim que chegava a casa dizia para a mulher:

— «Marieta, dentro de pouco tempo teremos uma enorme fortuna, parece-me que descobri uma mina de ouro!»

Marieta respondia-lhe que se deixasse de fantasias, que lhes bastava bem o que tinham para serem felizes, que o muito dinheiro não dá felicidade e outros semelhantes conselhos. Mas Benedito irritava-se ouvindo-a e logo, apenas devido ao seu génio ambicioso, uma nuvem toldava o céu de felicidade em que viviam.



MARIA, MARIETA e MARIANA

tardes que, em vez de ir para o costumado trabalho, gastava agora os dias cavando, com uma grande enxada e uma picarêta, em vários sítios. Até que um dia descobriu realmente um pedregulho enorme, cravejado de ouro. Ia morrendo de alegria. A felicidade que anteriormente possuía ao pé daquela, era como uma modesta choupana ao pé de um grande palácio. E, trémulo de comoção com medo que lho roubassem, resolveu levar sósinho aos ombros para casa, para a Marieta, o grande pedregulho cravejadinho.

Teve, porém, que fazer um esforço tão grande, que as pernas lhe vergaram e tombou para o lado quasi desfalecido.

Comtudo, o seu entusiasmo era tal que não desanimou e fazendo nova tentativa conseguiu aconchegar aos ombros, resguardados pelo casaco todo enrodilhado, o grande pedregulho de ouro, a grande felicidade. E, ajoujado, com as pernas

a tremerem, o suor em bagas caindo, sentindo que não podia mais com o peso de tanta felicidade, entrou no pátio da casa, branco como um cadáver.

Marieta, à porta, olhava-o boquiaberta. Mas Benedito nem podia falar e mal deixou rolar a pedra para o chão, uma golfada de sangue saltou-lhe pela bôca.



GRAÇA, GRACINDA e GRACIANA

Um mês depois, no quintal de Benedito, Marieta soluçando, ouvia do cirurgião da terra a fatal notícia de que a doença de Benedito era incurável, por não se haver descoberto ainda a cura da tuberculose.

Deitado agora ao ar livre, Benedito ao pé de Bento e de Benito, de Maria, Marieta e Mariana, de Graciana, de Graça e de Gracinda, dizia num delírio de febre:

— «Tomai conta, tomai conta... Não ambicioneis mais do que mereça a vossa natureza!»

De súbito, com uma forte impressão a apertar-lhe a garganta, sentiu abrirem-se as tais portas muito pesadas de que seu pai lhe falara e... ninguém mais o viu!

AUGUSTO DE SANTA-RITA.

CORRESPONDENCIA



Meus amiguinhos:

Então que tal? Gostaram da história do Gonçalo?

O Pim-Pam-Pum! cada vez melhor, não é verdade?

Aceito e agradeço qualquer ideia que tenham, basta mandá-la num postal.

Que me dizem ao Concurso do «Pim-Pam-Pum!»? Um sucesso! Vejam lá não faltem...

Amigo certo, TICTÓNIO.

Lili Ferreira—Recebi cartinha. Serás atendida.
Maria Luiza Fonseca—Podem mandar o que quiserem. Depois veremos.

Henrique Mary Casanovas—Lá vamos... lá vamos, por enquanto ainda é cedo. Manda coisas.
Baldomero Herrera Tavora—Talvez sejas atendida. Manda retrato e colaboração.

Joaquim Vieira—E' provavel, mas não por enquanto.

PIO

O passarinho cantando,
Lento e brando:
— Pio-pio-pio-pio . . .
Parece ter no biquito
Um apito,
Um assobio:
— Pio-pio-pio-pio . . .
Pio-pio-pio-pio!

Meninos! calem-se todos,
Que vai cantar, pelos modos,
No seu ninho
O passarinho!
Calem-se todos! Nem pio!
— Pio-pio-pio-pio . . .
Pio-pio-pio-pio! . . .

Mas vem nisto um caçador,
— Ai, que horror —
E dispara um tiro! — pum!...
Grita o passarinho: — pio!...
E agora era uma vez um
Passarito,
Um apito,
Um assobio
Que fazia; — Pio-pio . . .
Pio-pio-pio-pio!

Mas que se deu?! O que houve
Que já se não ouve
Nem p-i-o?! . . .



HORA DO RECREIO

Um piano de alfinetes

Arranjem uma taboa de pinho, macia, de uns três pés de comprimento e façam-lhe ao longo do centro uma linha carregada, com um lapis. Em seguida espetem uma fila de alfinetes grandes, por essa linha fóra, com um martelo, afastados uns dos outros um quarto de polegada pouco mais ou menos. Enterrem o primeiro alfinete até ao meio, na madeira, e os outros só ao de leve. Quando a linha estiver cheia de alfinetes, preparem-se para afinar o seu piano. Peguem num prego comprido de chapu e com a ponta dêle, dobrem ligeiramente para traz o primeiro alfinete da linha. Deixem-o, depois, voltar ao seu lugar e verão que ele emite distintamente uma nota musical. É ocasião de decidirem qual o trecho que desejam



executar neste excentrico piano, e podem então continuar a afiná-lo.

Quanto mais o alfinete fór enterrado na taboa, mais alta será a nota que ele emitirá quando tocado pelo prego de chapu. Neste trabalho de afinação, vão sempre enterrando os alfinetes a varias distancias pela madeira, experimentando-os a todos depois de lhes baterem com o martelo.

Quando o piano estiver afinado, podem tocar nele a melodia que desejam fazendo correr simplesmente o prego de chapu ao longo da linha de alfinetes. Com um bocadinho de prática poderão escolher outros trechos e tocar qualquer musica que seja simples.

Experimentem e verão.

Partir um vidro dentro de agua

Nada mais simples. Faz-se esta experiencia com uma facilidade espantosa.

E senão veja-se!

Pega-se n'uma chapa de vidro, mete-se n'uma celha com agua, e tendo as mãos e a tesoura mergulhadas no liquido sem deixar sair fóra a mais pequena parte de umas ou d'outra, cortar-se-ha o vidro em linhas rectas ou curvas, sem se rachar, como se fosse uma folha de cartão.

Esta experiencia tem sido posta em duvida por muitos incredulos que tiveram de render-se ante a evidencia, e convencer-se depois de rendidos.



Um sôpro

Esta maliciosa partida, engraçada sob o ponto de vista dos espectadores, só deve ser feita a pessoas de pequena estatura.

Arranjem uma garrafa com um gargalo bastante largo, coloquem uma rolha demasiadamente pequena para lhe servir nesse dito gargalo, e aposten com qualquer pessoa amiga, a mais baixa que se ache presente, que ela não é capaz de meter a rólha para

dentro da garrafa com um sôpro. Essa pessoa tratará logo, com confiança de executar o que considera uma tarefa facil e soprar com toda a força. Ai dela! a rolha não entrará na garrafa, mas sim saltará para fóra e bater-lhe-ha no rosto. É esta a razão porque deve ser uma pessoa baixa.



ADIVINHAS

1

E' de barro e muito leve,
Mas bojudo e vermelhinho;
Quem o nome dêle escreve,
Tem que o escrever com carinho?!

2

Tem cabecinha e tem tronco,
Não tem pés, nem mãos, nem dentes,
Mas possui o que nós temos,
Se somos inteligentes?!

3

Qual o bicho, sem ser gato,
Com a forma de um gatinho,
P'ra quem não ha melhor prato
Nem «menu» do que um ratinho?!

Decifração das anteriores

- 1 — Binoculo.
- 2 — Letras do abecedario.

Anevdotas infantis

Um velhote e uma velhota estavam à janela da sua casa, numa tarde, depois de ter chovido a potes.

Diz a velhota ao velhote:

— Repara como tudo parece mais novo depois de ter apanhado chuva.
Responde o velhote á velhota:

— Olha lá, se voltar a chover, vamos nós dar um passeiosinho?!

A mãe:— Não tens vergonha, Mimi! Porque estás a bater no pobre gatinho?

Mimi:— Porque ele é porco. Cospe nas patas e limpa-as na cara.

Albertinho:— Olhe, papá, ali vai um aeroplano,

O pai, distraído:— Sim, filho, — não lhe mexas.

UM CAÇADOR INFELIZ



Era uma vez um petiz,
Que andava de escombro em escombro,
Buscando lebre ou perdiz,
Com sua espingarda ao ombro.



Seguia-o um perdigueiro
Farejando a caça boa;
Nisto detraz dum espinheiro
Uma bela perdiz voa.



Sôa um tiro e logo morre
A perdiz que vai tombar
No mais alto de uma torre
Onde é difícil chegar.



Passa, entanto, um avião
Por cima da grande torre,
Que, ao vêr a atrapalhação
Do pequenito, o socorre.



Deita abaixo um grande cabo,
E o petiz que é espertalhão,
Vendo o cão alçar o rabo,
Ata-o ao rabo do cão;



Ri-se a bom rir o petiz,
No meio da grande lauda,
Vendo o cão com a perdiz
Penurado pela cauda!



Mas como o diabo as tece,
Quândo é menos de supôr,
O riso quente arrefece
Na boca do caçador.

Vai nisto a cauda escorrega,
Tomba o cão mais a perdiz,
E vem toda a cega-rega
Para cima do petiz.



DESENHOS NA SOMBRA

